



BLUMENAU

em CADERNOS

TOMO III - Nº 11

NOVEMBRO

1960

PÁTRIA – COMPANHIA BRASILEIRA DE SEGUROS GERAIS

FUNDADA EM 1945

Matriz: ITAJAI — Santa Catarina
Edifício INCO — 3.º andar.

OPERA EM SEGUROS CONTRA FOGO, TRANSPORTES E
ACIDENTES PESSOAIS

Diretoria :

IRINEU BORHAUSEN — Diretor Presidente
GENÉSIO MIRANDA LINS — Diretor Superintendente
OTTO RENAUX — Diretor Vice-presidente
HERCÍLIO DEEKE — Diretor Tesoureiro
DR. EDUARDO SANTOS LINS — Secretário Geral.

Administração :

Alípio Carvalho do Amaral — Gerente Geral
Carlos O. Seara — Gerente Executivo
João Amaral Pereira — Assistente Geral

REPRESENTAÇÕES :

SUCURSAL DO RIO DE JANEIRO: Rua Visconde de Inhaúma
13.º andar. — Gerente: Walter Miranda Mueller.

SUCURSAL DE SÃO PAULO: Edifício INCO — Rua Miguel
Couto, 38 — 3.º. Assistentes: Cyro Pires Drumond
e Vicente Mateus Amorim.

SUCURSAL DE CURITIBA: Edifício INCO — Rua Monsenhor
Celso, 36 — Procurador: Dênio Leite Novaes.

FILIAL DE PORTO ALEGRE: Edifício Itapiru — Gal. Andra-
de Neves, 155, conjunto 113 — Procurador: Paulo da
Rocha Gomes.

REPRESENTAÇÃO DE BELO HORIZONTE: Sociedade Minei-
ra de Imóveis e Representações Ltda. — Rua dos Cae-
tês, 186 — Sobreloja — Belo Horizonte.

UMA SEGURADORA CATARINENSE A SERVIÇO DO BRASIL

BLUMENAU

em CADERNOS

Tomo III

NOVEMBRO DE 1960

N.º 11

BLUMENAU E FRITZ MÜLLER

Alfred MÖLLER

Julgando ser do interesse dos leitores desta revista, vamos transcrever as impressões colhidas por Alfred Möller em Blumenau, por ocasião de sua visita a Fritz Müller. Foram elas traduzidas por Hermann von Ihering (Revista do Museu Paulista, III, pp. 23-26) no necrológio de Fritz Müller:

"Blumenau, a colônia alemã situada numa das margens do rio Itajaí, no Estado brasileiro de Santa Catarina, tem-se tornado um lugar relativamente bem conhecido entre os sábios da Alemanha, principalmente entre os que se interessam pelas ciências naturais, especialmente pela biologia, pois é a segunda pátria do grande biologista **Fritz Müller**, o qual, há quarenta anos, emigrou para ali. É por êle e pelos seus trabalhos que o pequeno remoto lugar, situado na mata virgem se tem tornado conhecido por tôda a terra, em todos os lugares onde trabalham os botânicos e os zoólogos. Sôbre a pessoa de **Fritz Müller** muitas vêzes chegaram notícias à Europa; aumenta a cada passo o grupo daqueles que saúdam com prazer e interesse cada uma destas notícias, e cada vez maior o número dos que o conhecem pelos seu trabalhos ou que por cartas entraram com êle em relações. No dia 31 de março de 1891, dia dos seus setenta anos, o pequeno vapor, subindo o Itajaí, levou-lhe felicitações de tôdas as cinco partes do mundo e dois álbuns suntuosamente ornados, um dos naturalistas do Brasil e outro que os da Alemanha, principalmente os botânicos, lhe enviaram com seus retratos e assinaturas, dando um testemunho muito significativo das considerações gerais de que gozava **Fritz Müller** na sua pátria, e também da gratidão com que muitos sábios se sentem para com êle obrigados. Jamais um naturalista verdadeiramente aplicado se dirigiu a **Müller** pedindo-lhe informações ou materiais para estudos das matas de Blumenau sem que tivesse obtido o que era possível conseguir. Sem reserva comunicava **Müller** as suas observações e experiências, não temendo nenhum trabalho, nenhuma caminhada, nem mesmo a mais molesta, cada vez que se tratava de procurar material apropriado para êste ou aquêle trabalho, contanto que estivesse convencido de que se tratava de sérias investigações científicas. Quase excessivamente gos-

tava **Müller** de fazer desaparecer sua pessoa por detrás dos resultados do seu trabalho. Enquanto viveu seu irmão **Germano Müller** em Lippstadt, enquanto viveu **Darwin**, costumava êle depositar os melhores resultados das suas observações em cartas dirigidas a êstes dois sábios, contentando-se perfeitamente com a alegria de ver as observações que por cartas comunicara, utilizadas em publicações feitas por outros. A observação era o seu trabalho mais querido e êle exercia-a diariamente, julgando suficiente comunicar os seus resultados aos poucos que sabia conhecedores e entregues ao estudo do assunto de que se tratava. Jamais gostara de fazer trabalhos literários extensos e que o impedissem de observar e nunca lhe veio a idéia de publicar os resultados da sua investigação para tirar daí proventos pessoais.

Além do ensaio intitulado "Pró-Darwin" não existe livro algum de **Fritz Müller** publicado separadamente e, contudo, haverá poucos sábios, talvez nenhum, que dispusesse de um material mais rico e mais digno de ser publicado do que o de **Müller**, o qual, vivendo na abundância das riquezas tropicais, por tantos anos, dia a dia trabalhava com uma constância sempre incansável e um entusiasmo sempre novo. Êle gostava de publicar em periódicos, resumido em poucas páginas, o resultado de observações penosas e por anos inteiros continuados, achando-se assim no "Kosmos", nas "Notícias Entomológicas" e em outros periódicos zoológicos, nas "Relações da Sociedade Botânica Alemã" e em muitos outros lugares da literatura, numerosos ensaios compostos por **Müller**, nos quais em poucas páginas comunica a essência de extensas séries de investigações. As notícias coligidas, pouco a pouco, para tal trabalho, ocupam muitas vêzes um espaço vinte vêzes maior do que a mesma publicação.

Mas foi por causa do seu conteúdo resumido e rico que as breves publicações de **Müller** se tornavam notáveis entre os naturalistas e, apesar de breves, incitavam muito mais leitores do que livros extensos teriam podido conseguir-lo.

Blumenau, o lugar onde foram ganhos tantos resultados preciosos para as ciências naturais, chamava a si a atenção de grupos cada vez mais extensos, sendo natural que em muitos despertasse o desejo de conhecerem pessoalmente aquêlê lugar. Desde que os meios aperfeiçoados dos nossos dias facilitaram as viagens, um número relativamente considerável de naturalistas foi para Blumenau a fim de entregar-se ali a estudos científicos.

Por mais espaçosos que seja o jardim de **Fritz Müller**, o espaço reservado na casa para o trabalho científico é muito pequeno e modesto. Um crítico disse que o tamanho e a opulência dos laboratórios estavam muitas vêzes em proporção inversa com a importância dos trabalhos que nêles se fizeram. Destas palavras lembrava-me tôdas as vêzes que via o pequeno gabinete de Blumenau, donde tantas idéias férteis saíram para todo o mundo. O quartinho tem apenas três metros quadrados. Ao lado da janela está uma simples mesa coberta dos utensílios mais necessários para o trabalho, entre os quais se acha um velho microscópio de Hartnack. Encontram-se também, no pequeno gabinete, uma estante muito simples para livros, uma cama e um lavatório e, ao lado da única cadeira muito usada, apenas há um lugar para

Blumenau pitoresco



Um aprazível trecho da rua 15 de novembro, em Blumenau, no entroncamento da rua Nereu Ramos.



uma segunda. Não há coleções. Não creio que em tôda a terra haja um sábio mais digno dêsse nome, que se satisfaça com um aparelho mais modesto. Mas todos os zoólogos e botânicos sabem quantos resultados científicos foram conseguidos com êsse pequeno aparelho. Se se realizar um dia o sonho de uma estação científica no Brasil meridional, o retrato do gabinete de **Fritz Müller** merece ser ali colocado para sempre, a fim de incitar ainda outros a trabalharem incansavelmente também com meios pequenos (*). Na estação que sonhamos seria possível conseguir resultados extraordinários com despesas relativamente pequenas, pois o laboratório poderoso e rico, em que **Müller** também trabalhava, a própria natureza, ali, é tão soberba e oferece ocasião para trabalhar tão favorável como em poucos lugares de todo o mundo". (Dr. A. Möller, *Aus St. Catharina, Brasilien*. *Naturwissenschaftliche Wochenschrift*. Band IX, 1894. Nos. 37 e 51 e Band X, 1895, no. 22).

(*) Nota de Hitoshi Nomura: Desde 15 de abril de 1959 funciona, em Florianópolis, o Centro de Estudos Oceanográficos de Santa Catarina, fundado pelo Prof. George Agostinho Baptista da Silva. Tem por função estudar Oceanografia Física e Biológica, Economia Marítima e Sociologia das Populações Litorâneas, possuindo as seguintes divisões: I — Divisão Pesqueira; II — Divisão de Relações Públicas; III — Divisão de Assistência Escolar; IV — Divisão de Assistência Social e V — Divisão de Estudos Econômicos.

Sabemos que o atual Diretor do Centro, sr. Ernesto Tremel (Largo Benjamin Constant, 19 — Florianópolis) é fervoroso adepto de Fritz Müller. Sugerimos, então, a êsse ilustre estudioso da Biologia Marinha catarinense, que o novel Centro leve o nome do grande sábio Fritz Müller, glória de Blumenau e do Brasil.

CASAMENTO VERDE

Certa vez, nós nos encontrávamos na sala das audiências do juízo de paz de Blumenau, a mesma que servia ao juízo de direito e às sessões da câmara municipal, assistindo a vários casamentos, pelo então juiz de paz, Augusto Sutter, que se tornara crônico no exercício do cargo. Eram diversos os pares que iam se unir perante a lei.

Havia, entretanto, um par que chamou a atenção de quantos ali se achavam e a curiosidade geral. Tanto o noivo, como a noiva, estavam completamente vestidos de verde. Um verde berrante, espalhafatoso. Verde eram o paletó e as calças do noivo e da mesma fazenda verde de que fôra feito o vestido da noiva.

Os assistentes não podiam conter o riso, tecendo os mais hilariantes comentários. Todos indagavam a razão daquela disparatada indumentária. Alguém explicou o caso: Entre a maioria dos povos há o primeiro casamento, seguido das bodas de prata, bodas de ouro, etc. No primeiro, geralmente, a coroa da noiva, como o raminho que o noivo leva à lapela, é de murta verde e, os outros, prateados e dourados, respectivamente.

Por essa razão, naturalmente, e por tratar-se do marco inicial da nova vida que os nubentes encetam no dia do casamento, êste, os alemães denominam "Grüne Hochzeit", ou "casamento verde".

Daí os noivos, a que nos referimos, no intuito de se mostrarem espirituosos e originais, compareceram escandalosamente verdes, perante o juiz de paz.

Não sabemos se houve, em algum tempo, ou ainda há, na Alemanha, algum lugar onde seria costume os noivos se vestirem dessa côr, no dia do enlace, costume que algum imigrante tivesse trazido para Blumenau .

Convém, de qualquer forma, que fique registrado o fato e alertados, para êle, os estudiosos do nosso folclore.

Fato, mais ou menos semelhante, nos narra, em carta, uma leitora estudiosa de tudo quanto diz respeito ao nosso passado. Os alemães chamam, também, de "Gründonnerstag" a quinta-feira santa, por ser a primeira das quinta-feiras santificadas do ano (ascensão, e Corpus Christi). Por êsse motivo, uma empregada do Hotel Berg, de Hammônia (atual Ibirama), numa certa quinta-feira santa teve a idéia de tingir de verde tôdas as aves de penas brancas que andavam pelo terreiro: patos, galinhas, marrecos e gansos.

Naturalmente, acreditava comemorar, assim, de forma mais palpável e evidente, mas engraçada também, a "Gründonnerstag" daquele ano.

Possivelmente tem a mesma origem, sendo disso derivante, o costume que ainda hoje se encontra nas nossas colônias de colorir animais e aves domésticos, na semana da páscoa. Parece, entretanto, que sem preocupação de côr, pois, entre êles, notamos exemplares tingidos de rosa e vermelho também.



A lei n.º 1252, de 30 de outubro de 1888 criou duas escolas primárias: uma em Gaspar e outra em Ilhota, ambas para crianças do sexo masculino.

APOLÔNIA VON BUETTNER



Uma das figuras mais interessantes e simpáticas dos começos da colonização de Blumenau, foi, sem dúvida, a da nossa primeira professora pública, Apolônia von Buettner.

Não que fatos extraordinários, ou algum acontecimento memorável, tivessem marcado a sua existência. Ao contrário. A sua vida foi a da criatura idealista, conformada com o que a Providência lhe reservara. Vida modesta, tranqüila, monótona.

Mas na humildade de uma cadeira de primeiras letras, na diuturna tarefa de alfabetização, a que se consagrara de corpo e alma, consciente das suas responsabilidades, Apolônia preparou várias gerações de mulheres blumenauenses, entregando-as, ricas de prendas domésticas, de aprimoramento de modos, de virtudes inúmeras, à

sociedade que se formava com o nascente empreendimento colonial.

Assídua no trabalho, zelosa no cumprimento do dever, hábil na orientação intelectual e moral de suas alunas, Apolônia von Buettner foi uma eficiente colaboradora do dr. Blumenau, na concretização dos ideais, que êle alimentava, de criar, nas margens do Itajaí, não apenas uma empresa de colonização, onde os seus imigrantes pudessem ter uma vida sossegada e farta, mas, também, uma comuna que, pelo seu amor ao trabalho, à cultura do espírito e aos preceitos da moral cristã, fôsse, realmente, de utilidade ao país que veio servir.

Apolônia von Buettner chegou ao Brasil, em companhia de sua tia, a condessa Maria Poninska e de sua mãe, a condessa Constância e de um irmão de apenas 11 anos. Ela mesma contava 13 anos, nessa época.

Sua tia, que orientava tôda a família, decidira deixar a Alemanha, impressionada pela propaganda que o Barão Schneeberger, diretor da colônia Brusque, fazia do nosso país, das suas possibilidades e das suas riquezas.

Pensava dedicar-se, aqui, à plantação de café, adquirindo terras próprias, no interior de São Paulo, ou onde quer que fôsse.

E para que, logo de início, não tivesse de enfrentar as dificuldades com que, fatalmente, se depararia em terra estranha, pensou em levar, em sua companhia, um carpinteiro, que lhe construísse a casa, e o material que lhe fôsse permitido transportar na sua bagagem, como pregos, dobradiças, fechaduras, trincos etc. E como o carpinteiro fôsse casado e pai de seis filhos, para todos a condessa pagou a passagem de Hamburgo para o Rio de Janeiro. Chegados a esta cidade, o carpinteiro

não teve escrúpulos de valer-se das notas de compras, tôdas feitas em seu nome, para declarar-se dono de quanto material adquirira e de negar-se a cumprir o trato feito com a condessa. A intervenção de advogado, contratado pela nobre dama, de nada valeu, de vez que a mesma não possuía documento algum, relativo à aquisição dos objetos e ferramentas.

Esse revés fê-la desistir de fazendas de café e aceitar o conselho de conhecidos, embarcando, em 1856, para Santa Catarina. Dirigiu-se, primeiramente, em companhia de sua irmã e sobrinhos, à colônia Dona Francisca, onde se associou a um certo barão von Prausen, em uma indústria de manufatura de cigarrilhos, na qual inverteu grande parte do seu capital. Além dos negócios não terem tomado o rumo imaginado, outros contratempos e prejuízos surgiram, forçando-a a pensar em nova mudança. Entre essas contrariedades, a principal fôra o romance surgido entre Apolônia e von Prausen. Este se apaixonara pela mocinha, realmente de grande beleza, de compleição robusta e de modos distintos, e quiz casar com ela.

Apolônia sentia-se também, atraída pelo barão, mas a mãe e a tia opuzeram veto formal à pretendida união.

E mudaram-se para a capital da província. Outros negócios a que, imprevidentemente, se ligara, ali, ocasionaram novas perdas à Condessa Maria, deixando-a (e com ela tôda a família), praticamente pobre.

Foi quando Apolônia, inteligente e ativa, assentiu em ser professora para ajudar a mãe e a tia. Não tinha, porém, ainda, a idade regulamentar. Contava 16 anos e a lei exigia 18. Entretanto, a sua estatura e robustez física, salvaram a situação. Foi fácil convencer os examinadores de que ela estava dentro das exigências de idade. E foi nomeada, interinamente, para a cadeira de primeiras letras da Colônia São Pedro de Alcântara, no município de São José, criada pela resolução provincial de 23 de março de 1861. No ano seguinte, depois de prestar os exames exigidos pela lei, foi efetivada no cargo.

Pode-se bem imaginar o que foi a vida das duas nobres senhoras e de Apolônia na acanhada e pobre sede de São Pedro de Alcântara. Acostumadas ao conforto e à riqueza, difficilmente se conformavam com a precariedade dos cômodos que passaram a habitar, nos fundos da casa da escola. Esta era de madeira, mas os demais compartimentos da moradia, eram de palmitos barreados. Tantas contrariedades, tantos desgostos sucessivos, quebraram o ânimo da condessa Maria. Com apenas 45 anos de idade, aos 6 de junho de 1864, morreu em São Pedro, após curta enfermidade.

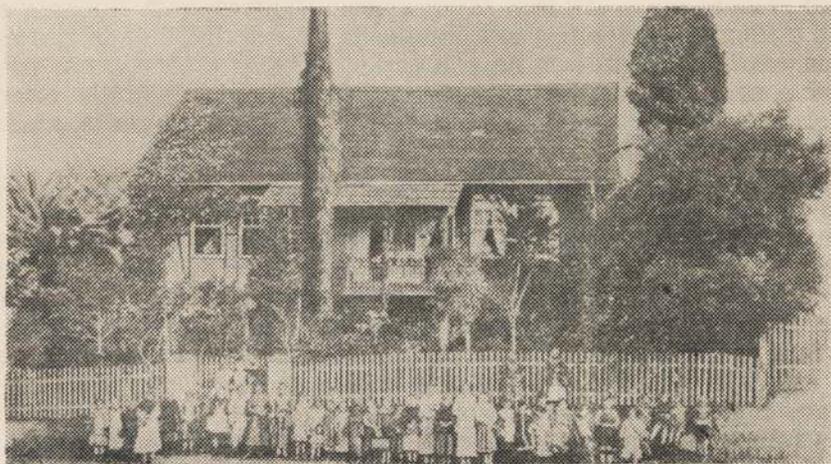
Apolônia e sua mãe resolveram, então, deixar a colônia, onde tantas amarguras tinham curtido. Não se sabe ao certo como foi que Apolônia entrou em contacto com a direção da Colônia Blumenau, se por iniciativa sua, ou se em decorrência de algum encontro, na capital da província, com o Dr. Blumenau, ou com o diretor interino Hermann Wendeburg, pois, por aquele tempo, o dr. Blumenau estava de licença, na Alemanha.

O fato é que se conseguiu do govêrno provincial a criação de uma escola pública do sexo feminino em Blumenau (a primeira, do sexo masculino, fôra criada em 1852) e o seu preenchimento por Apolônia

von Buettner, transferida de São Pedro de Alcântara, como se vê da resolução provincial de 30 de agosto de 1865.

Em Blumenau, Apolônia e sua mãe passaram a viver com um pouco mais de conforto, tomando parte ativa nos meios sociais, ainda muito restritos, mas nem por isso menos alegres e divertidos.

A casa da escola fôra construída na rua do Imperador, ou Kaisers-
trasse, como se dizia (hoje alameda Rio Branco), exatamente no local



Esta foi a primeira escola pública do sexo feminino, de Blumenau. Foi construída em 1865 e demolida nos últimos anos do segundo quadriênio Curt Hering, para dar lugar ao prédio onde funciona ainda a nossa agência postal-telegráfica. Apolônia von Buettner regeu essa escola, de 1865 até 1894.



em que se encontra, atualmente, o prédio dos Correios e Telégrafos. Era uma casa de enxaimel, parte destinada à sala de aulas e a outra à residência da professora e sua família. Quando chegou a Blumenau, Apolônia era uma linda moça de seus vinte e um anos. Conservou-se bela até a velhice, como se pode ver da fotografia que ilustra estas linhas. Anos depois, já trintona, casou-se com Guilherme Scheffer. Este era viúvo de dona Clara Friedenreich, filha de um dos 17 primeiros imigrantes, fundadores de Blumenau. Scheffer residira em Campinas, São Paulo, onde perdera a esposa, numa epidemia de bexigas, tendo ficado com quatro filhos: Erwin, Ricardo, Júlia e Guilherme, ou Willy, como foi conhecido. Veio, então, de mudança para Blumenau, abrindo, primeiramente, um negócio de secos e molhados, em prédio próximo ao da escola pública, no mesmo local em que hoje está instalado o armazém Kieckbusch.

Sobreveio, porém, a enchente de 1880, e Scheffer sofreu prejuízos consideráveis, sendo, por isso, obrigado a deixar o gênero de comércio a que se dedicava, para começar uma fábrica de sabão.

Guilherme Scheffer, como se sabe, teve atuação de destaque na vida social a política de Blumenau, tendo chegado a ocupar a presidência da Câmara Municipal, dirigindo os destinos blumenauenses de 1887

a 1889. (Vide tomo II, pag. 163, destes "Cadernos") Foi um dos fundadores da "Caixa Agrícola", tendo assinado os respectivos estatutos, e sócio de tôdas as sociedades culturais e recreativas da colônia.

Depois de casada, Apolônia confiou às suas adjuntas, dona Margarida Freygang, que, mais tarde, a substituiu no magistério efetivo, Else Gaertner, há pouco falecida em Buenos Aires e Olga Schwartz, o ensino diário, reservando-se a direção e orientação da escola, impondo sempre o seu sistema educacional. Versava, com fluência e correção o idioma nacional e era dotada de grande habilidade nos arranjos da casa, esmerando-se na confecção de bolos e tortas, nos seus recheios e, principalmente, na sua decoração. A enteada, Júlia, orientada por ela, herdou-lhe a perícia nêsse particular, e muita gente, ainda hoje, se lembra da sua perfeição na arte de confeitaria.

Também em trabalhos de agulha, Apolônia nada ficava a dever às mais habilidosas, bordando e costurando com maestria, fazendo sapatos e chinelos caseiros e muitas outras prendas de utilidade. Não desdenhava, também, os serviços de horta e jardim, nos quais se ocupava com frequência, auxiliada por um empregado da fábrica de sabão, resguardando as mãos bem tratadas em luvas de couro.

Sua residência era no sobrado, ainda existente, à rua 15 de novembro, em cujo térreo ficam, em nossos dias, a Casa Lorgus e Casa Flamingo. Mantinha as suas salas sempre bem arrumadas e com as vistosas folhagens que cultivava com muito carinho.

Nunca perdeu os seus hábitos e modos de aristocrata, conquistando, com isso, algumas antipatias, também. Gostava, segundo é tradição, de reunir a família do marido em lautos jantares, durante o qual algum dos convidados deveria discursar, tomando ela, depois, a palavra para um "speech" alusivo à oportunidade. Realizava freqüentes visitas ao cemitério católico, onde a condessa, sua mãe, fôra sepultada, em jazigo próximo à aléia central, encimado por uma placa oval, de porcelana, com a respectivo epitáfio em letras góticas.

Depois de 33 anos dedicados ao magistério, Apolônia teve a sua merecida aposentadoria, em 1894. E, em seguida à morte do marido, que ocorrera pouco depois, transferiu sua residência para Brusque, onde já prosperavam os negócios do irmão Eduardo. Alí faleceu aos 86 anos de idade, a 24 de fevereiro de 1929. Em seu testamento, deixou parte dos seus bens ao Hospital de Azambuja.

A forma como Apolônia vom Buttner desincumbiu-se da espinhosa missão que lhe fôra confiada, em boa hora, merece a gratidão dos blumenauenses. E é de lamentar-se que, até agora, o nosso reconhecimento pelo que ela fez pelas gerações passadas, não se tenha traduzido em alguma homenagem pública, permanente, como a consagração do seu nome em uma das nossas vias públicas, ou casas de ensino.

Projeta-se a construção do Grupo Escolar de Ponta Aguda. Porque não batizá-lo com o nome da nossa primeira professora pública?

Serão bem merecidas, de inteira justiça, tôdas as manifestações de gratidão à memória dessa mestra tão dedicada, tenha tido ela, embora, na sua vida social, algumas falhas, que mereçam reparos, falhas em boa parte justificáveis pelo conceito que a nobreza do tempo fazia de si própria e das suas relações com os que não tinham, nas veias, sangue azul.

16.º – ANTÔNIO CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

(1931 — 1933)



Por ato do então interventor federal, general Ptolomeu de Assis Brasil, de 6 de janeiro de 1931, foi nomeado, para substituir João Ker-sanach na direção dos negócios municipais, o sr. Antônio Cândido de Figueiredo.

Espírito empreendedor, ativo e honesto, Figueiredo dedicou-se, com entusiasmo, à solução dos problemas mais prementes na ocasião, não poupando esforços, nem sacrifícios, no desempenho da honrosa incumbência.

Apesar de ter governado, apenas pouco mais de dois anos, conseguiu realizar obras de grande utilidade para o município, como a espaçosa ponte sobre o ribeirão da Velha, na rua São Paulo, ao lado do Grupo “Luiz Delfino”, a macadamização da estrada Diamante-Subida, hoje

no município de Indaial; a continuação do calçamento da rua 15; a abertura da estrada Subida a Ibirama, pela margem esquerda do Itajaí-Açu; a construção de várias pontes e boeiros; a abertura de várias estradas vicinais; a aquisição de veículos para a seção de Obras Públicas; a amortização de parte da dívida ativa, etc.

Durante o seu governo, a 10 de janeiro de 1933, festejou-se, com brilhantismo, o cinquentenário da instalação do município, tendo a prefeitura decretado feriado.

Apesar da exiguidade da receita (pouco mais de um milhão de cruzeiros), para um município de mais de 8 mil quilômetros quadrados de superfície, recortado de estradas em tôdas as direções, pôde o prefeito atender, numa atuação equilibrada, às mais urgentes precisões do município, mantendo as vias de comunicação entre os vários distritos e quarteirões, no melhor estado possível. Por motivos de divergências políticas, exonerou-se do cargo em 20 de abril de 1933.

Antônio Cândido de Figueiredo nasceu em Curitiba, capital do Paraná, onde fez os seus estudos, completando o curso de normalista no Colégio Paranaense, para ser, pouco depois, nomeado professor do Grupo Escolar Xavier da Silva, da capital paranaense. Fez um curso de aperfeiçoamento em São Paulo, antes de ser, por ato de 18 de março de 1919, nomeado diretor do Grupo Escolar “Luiz Delfino”, em Blumenau, onde chegou a 23 do mesmo mês e ano.

BLUMENAU EM 1860

O ano de 1960 está chegando ao fim. Seria, por isso, interessante saber-se o que e como era Blumenau, exatamente há um século atrás.

Conforme já vimos, em números anteriores destes "Cadernos", em janeiro de 1860 a colônia Blumenau, que era propriedade particular de seu fundador, passou para o domínio e administração do governo imperial, ficando o dr. Blumenau como seu diretor.

Esse fato veio dar novo alento ao fundador, agora diretor, que já começara a desanimar em face das muitas contrariedades e sacrifícios que encontrara pela frente nos primeiros anos do seu empreendimento.

Com as verbas que o governo central destinaria à colônia, teriam novo impulso a imigração de europeus, a divisão e demarcação dos lotes coloniais, a construção de caminhos e estradas carroçáveis, a intensificação da produção, enfim o completo engrandecimento da empresa colonizadora. E foi, realmente, o que se verificou. Não logo em seguida à transferência do estabelecimento ao governo imperial, mas assim que se pôde pôr em prática as providências, as reformas, os melhoramentos que as verbas orçamentárias propiciaram.

Com as providências relativas à prática administrativa, foram, também, estabelecidas as regras pelas quais a colônia deveria reger-se, uma espécie de constituição, muito interessante e contendo determinações sábias e rigorosas a serem observadas pelo diretor, seus auxiliares e pelos colonos. Num dos próximos números desta revista, publicaremos, na íntegra, o importante documento.

Assim, o primeiro ano da nova administração decorreu, quase todo, mais voltado para os trabalhos de adaptação ao novo estado de coisas, do que, propriamente, da expansão da área colonizada e respectivo povoamento com novos imigrantes.

A imigração, em 1860, começou em fevereiro com, apenas, 4 pessoas, seguidas de 20, em julho, de 34, em setembro, e de 33, em dezembro. Ao todo, 91 indivíduos, 69 dos quais participantes de 19 famílias e os restantes 22 eram rapazes solteiros.

Entretanto, o governo já havia providenciado, como medida de grande alcance para o desenvolvimento da colônia, a instalação do município de Itajaí, a que Blumenau passaria a pertencer, desligando-se, assim, do de Pôrto Belo, até onde tinham que ir os moradores da colônia para desincumbirem-se dos seus deveres civis e fiscais, numa distância de mais de cem quilômetros, a metade em canoa e a outra a pé, ou a cavalo, por caminhos pouco melhores do que simples picadas.

Acresce a circunstância de que Itajaí era o pôrto intermediário, onde os colonos, antes de se dirigirem ao destino, aos lotes que iriam ocupar, descansariam do demorado e enervante trajeto de barco à vela,

A 28 de janeiro de 1921 exonerou-se desse cargo, dedicando-se, desde então, ao comércio. Integrou-se, pelo seu casamento com D. Hilda Deeke, em uma das tradicionais famílias blumenauenses.

Continua militando, ativamente, na política municipal, orientado, sempre, pelo desejo de bem servir à coletividade, ao Estado e ao Brasil.

desde Hamburgo até o Brasil, e se preparariam, num primeiro contato com a terra de sua segunda pátria, com patricios já de há muito aqui radicados, para a tarefa da adaptação. E, como sede de um govêrno municipal, embora em precárias condições materiais e pobre de homens, preparados para a função administrativa e política, Itajaí muito contribuiria, como contribuiu, para facilitar o colonizador no enca-minhamento do elemento humano, indispensável ao engrandecimento e à prosperidade da colônia, que o filósofo alemão fundara.

Itajaí, por êsse tempo, era um povoado insignificante: umas sessenta casas espalhadas pela margem do rio, desde a foz até à confluência do Itajaí-mirim, onde fôra construída uma hospedaria para acolher os imigrantes, enquanto aguardavam transporte rio acima. A capela, que formava o centro da vila, estava em ruínas. O interessante documento que publicamos nas páginas 181 e seguintes, do número 10, dêstes "Cadernos" traça um retrato fiel do que era Itajaí e todo o vale do grande rio, por aquela época.

A colônia Blumenau, pròpriamente dita, incluídas, no cálculo, 36 crianças nascidas nesse ano, contava, em 1860, apenas 948 habitantes. O número de fogos, entendidas, por êstes, as famílias de colonos, já estabelecidas em seus lotes urbanos, ou rurais, não ia além de 200. Dêstes, umas cinquenta casas podiam ter êsse nome. O resto eram ranchos de palmitos, cobertos com palhas e sem nenhum conforto. A zona povoada, pròpriamente dita, se limitava à sede da colônia, quẽ era o que hoje constitue a Alameda Duque de Caxias e adjacências, e o vale do Garcia, do Velha, atá certa altura e as margens do grande Itajaí, mais ou menos até a ponte do Salto. O resto, tudo era ainda mata virgem. Começava a ser povoada a picada para Itoupava-Sêca, a atual rua São Paulo.

Estradas que, mal e mal, davam trãnsito para carroças e carros de bois, não tinham, em conjunto, extensão maior que de oito quilômetros. Já as picadas, que davam passagem a pedestres e cavaleiros, podiam alcançar até uns doze quilômetros, se tanto.

O funcionalismo da administração da colônia ficara assim constituído, além do diretor, Dr. Blumenau: Vice-diretor e eventual substituto do diretor: Hermann Wendeburg, que, ao mesmo tempo, exercia as funções de guarda-livros e contador. Hermann Breithaupt era o agrimenso. O reverendo Oswaldo Hesse era o pastor protestante e o padre Alberto Gattone, o vigário católico. O médico, dr. Bernardo Knoblauch e o Delegado de Polícia, Guilherme Friedenreich. Quanto ao vigário católico, o padre Francisco Gattone, tinha residência fixa em Belchior, à margem esquerda do Itajaí-Açu, mais ou menos na região fronteira à grande figueira que ainda se ergue, próxima à estrada geral, entre Blumenau e Gaspar. Ali havia uma capela de madeira, onde os blumenauenses católicos (talvez uns 90) iam cumprir os seus deveres religiosos. Por êsse tempo, aliás, tratava-se da mudança da paróquia para a margem direita, mais para baixo, para o local, onde se levantou a atual cidade de Gaspar. O pastor Hesse tinha residência na sede da colônia Blumenau, em casa de madeira edificada no local da atual, próxima à igreja protestante. Esta só começou a ser construída vários anos mais tarde, juntamente com o templo católico.

Eis, em linhas gerais, o que era Blumenau há cem anos atrás.

UM APÊLO

"Blumenau em Cadernos" tem o máximo interesse na divulgação de fotografias e documentos antigos que, por qualquer forma, se relacionem com o estudo da história e do desenvolvimento das várias comunidades do Vale do Itajaí.

O nosso colaborador, sr. J. Ferreira da Silva solicita, por nosso intermédio, a todos quantos possuam retratos de pessoas e de acontecimentos do passado blumenauense, ou prospectos, rótulos, ou reclames de produtos que, aqui se fabricavam no século passado, ou nos começos dêste, ou ainda qualquer outro documento que diga respeito ao comércio e às indústrias daquela época, queiram fazer o favor de enviá-los, por empréstimo, àquele nosso amigo, para **rua Augusto Severo, 822, Curitiba, Paraná.**

Todos os documentos e fotografias que lhe forem enviados para exame e clichês, serão, em seguida, devolvidos aos remetentes.

Pedimos aos nossos leitores, assinantes e amigos que facilitem, por essa forma, a tarefa principal dos "Cadernos", que é registrar, preservando, assim, da destruição, tudo quanto seja de utilidade ao estudo do nosso passado.

Antecipamos agradecimentos pela atenção que fôr dada ao nosso apêlo.



Memorável ocorrência



Mal os albores da madrugada, da que le primeiro de dezembro de 1936, começaram a iluminar as alturas do "Spitzkopf" e do "Morro do Aipim", Blumenau acorria às ruas, para assistir a um dos espetáculos mais sensacionais que já lhe foi dado presenciar.

Fôra anunciada, para as primeiras horas daquele dia, a passagem, pela nossa cidade, do grande dirigível alemão "Von Hindenburg".

Realmente, com admirável pontualidade, a população, que procurara os pontos mais altos da cidade, donde pudesse observar melhor o inusitado acontecimento, deslumbrou-se ante a magestade do enorme dirigível, cortando, à pequena altura, os céus da nossa cidade.

Os que tiveram a oportunidade de assistir ao extraordinário sucesso, jamais esqueceram aqueles momentos, verdadeiramente emocionantes, em que a grande nave aérea surgiu, nos céus blumenauenses, magestosa, serena, magnífica, arrancando as mais justificadas exclamações de entusiasmo de tôdas as bocas. As fábricas fizeram silvar longamente os seus apitos, os sinos das igrejas repicaram chamando todos os habitantes para um espetáculo que nunca haviam visto o que, provávelmente, não veriam pela segunda vez. O clichê ao lado fixou o momento em que o "Von Hindenburg" passava sôbre parte da rua 15, sôbre as propriedades de Alfredo Baumgarten e José Deeke, cuja espôsa, a sempre lembrada dona Ema Deeke, se vê junto ao muro, contemplado o memorável feito.

A IMPRENSA EM ITAJAÍ

ADMINÍCULOS À SUA HISTÓRIA

Almirante Lucas A. BOITEUX

Sabem os leitores e curiosos da nossa história regional que Santa Catarina logrou o inestimável benefício da imprensa, mercê da visão esclarecida e patriótica do então Capitão de engenheiros Jerônimo Francisco Coelho, natural da Laguna.

Adquirindo no Rio de Janeiro pequeno prelo, lançou à luz da publicidade, em Florianópolis (então Destêrro), a 28 de Julho de 1831, o pequeno semanário O CATHARINENSE, por êle redigido, composto e impresso.

Dentre as províncias brasileiras, foi a nossa a 12.^a a gozar dessa utilidade. Itajaí, êsse belo ornamento da terra catarineta, dentre as nossas atuais cidades, Joinville, Laguna, Lages, Blumenau e, penso, São Francisco, só, cinquenta e poucos anos decorridos, do referido advento, sentiu a alegria de ouvir apreço pelas ruas o seu primeiro jornal. Dêle e dos cinco que o seguiram darei concisa notícia para não alongar esta simples informação, citando, a seguir, apenas o nome e o ano em que apareceram até 1956. Como é de ver, falhas lamentáveis existirão, desculpáveis em quem viveu e vive há longo tempo longe da "santa terrinha" e carente de fontes informativas fiéis e indispensáveis. E, como sempre, as retificações serão recebidas de bom grado.

Abordemos, pois, o interessante assunto.

ITAJAHY chamou-se, como justa homenagem à cidade, o primeiro jornal nela aparecido em 1884. Era seu proprietário João da Cruz e Silva. Circulava aos domingos e dizia-se órgão dos interesses do município. Sua tipografia situava-se à rua da Matriz, depois chamada Hercílio Luz. Em vão procurei um número dêste periódico para a coleção que possuo dos jornais catarinenses.

A IDÉIA — foi o segundo jornal que tenho ciência aparecido em Itajaí. Surgiu a 18 de Fevereiro de 1886. Dizia-se neutro e era distribuído duas vezes por semana. Tinha por lema: "Deos é a lei, a Sciencia e a Grey". Era seu gerente Tranquilo Antonio da Silva e imprimia-se, no formato 22x38 cm, em tipografia própria situada à rua Conde d'Eu, depois Lauro Müller. Fui informado que, devido referências pessoais, houve brigas. Possuo dêle o primeiro número. Não sabemos quando desapareceu.

A LIBERDADE — jornal comercial e noticioso, aparecido a 20 de Fevereiro de 1887, impresso em tipografia situada à rua Conde d'Eu. Era de propriedade de Galdino Pereira de Miranda Lima. Dêle, ao que sabemos, saíram poucos números. Possuo o n.º 5 do primeiro ano. Ignoramos quando desapareceu.

IMMIGRANT. — Dêste periódico, redigido em língua germânica, e vindo à luz em 1888, tenho, apenas, vagas notícias.

GAZETA DE ITAJAHY — publicação semanal, aparecida em Setembro de 1890, impressa no formato 35 x 46 cm, na tipografia situada à rua 15 de Novembro. Era seu proprietário o distinto médico baiano Dr. Pedro Ferreira da Silva e gerente Geraldo Braga. Sua assinatura anual era de 8\$000 e semestral de 5\$000. Sua existência foi curta.

GAZETA DE ITAJAHY. — Com o mesmo nome da anterior, apareceu aos 13 de Outubro de 1892 êste hebdomadário, impresso na tipografia do "Blumenauer Zeitung". Era de propaganda política, sendo distribuído gratuitamente aos eleitores de Itajaí, Blumenau e Brusque. Era redatado em português e alemão. Tinha o formato de 28 x 40 cm. Dêle possuo o primeiro número.

Para não sobrecarregar esta notícia, como dissemos acima, vamos dar o nome e as datas dos jornais aparecidos em Itajaí, desde esta última até 1956, que, dificilmente conseguimos, de longe, anotar. A FLECHA, em 1894; A SEMANA ILUSTRADA (manuscrita) e JORNAL DO BRASIL, em 1896; PROGRESSO e a FLECHA, em 1899; O SENTINELA em 1901; GREMIO 13 DE MAIO em 1902; ITAJAHY, COLEGIAL e ARAUTO em 1903; A FORMIGA, NOVIDADES e o PHAROL em 1904; COLEGIAL (?), TRESE DE MAIO, BOLETIM ESCOLAR em 1905; A FLECHA e A NOTICIA em 1906; INFANTIL em 1907; O ALPHABETO em 1908; O VAGIDO, JORNAL DA EXCURSÃO, O TYPOGRAPHO em 1911; GAZETA DE ITAJAHY, em 1912; ITAJAHY (?) em 1913; DIARIO DO ITAJAHY, em 1914;

SETE DE SETEMBRO, O PARAFUSO, A DEFESA, A ENCRENCA, O POPULAR em 1915; O CRUZEIRO, O LAPIS, O COMERCIO em 1918; A UNIÃO, O SPORT, A TARDE em 1919; NOVIDADES, em 1920; A UNIÃO, O MUNICIPIO, VERA-CRUZ, ITAJAHY em 1912; SCIENCIA, em 1925; GAZETA POPULAR, O FUTURISTA em 1926; TOMA-POUCO em 1928; SEMANA DESPORTIVA em 1930; O CARECA, O LIBERTADOR, O CHORO em 1931; O CRITICO em 1932; O TEMPO em 1933; JORNAL DO POVO em 1935; A REAÇÃO, em 1937; O VALE DO ITAJAÍ em 1944; JORNAL DO POVO em 1945; ITAJAÍ em 1948; SELLOWIA em 1952; O LIBERTADOR, em 1956.

E aqui fazemos ponto final.

ESCREVE:

CHRIST. DEEKE

Aconteceu...

Christiana Deeke BARRETO

1º — Para melhor regulamentação do trânsito, publica-se ter o vereador Dr. Bernardo Werner apresentado, na Câmara Municipal, proposta de organização de uma comissão mixta, integrada, também, por membros do Automóvel Clube e Associação Comercial e Industrial, para o estudo do problema, cuja solução, conforme o jornal "A Nação", é difícil, mas não impossível, lembrando, entretanto, que sugestões feitas anteriormente e medidas experimentais deram resultados negativos.

— A consagrada poetisa nacional, Marilita Pozzoli, realiza, perante pequeno público, numa das salas do Teatro Carlos Gomes, um aplaudido recital de declamação.

— O aumento do preço das passagens de ônibus, de 5 para 6 cruzeiros, que começou a vigorar nesta data, repercute na imprensa local, que estabelece paralelos com este ramo de transportes e respectivos preços em outras cidades do Estado e do país.

— A demissão do político blumenauense, sr. Hercílio Deeke, do cargo de Secretário da Fazenda do Estado, desincompatibilizando-se, por essa forma, da função pública para iniciar a sua campanha eleitoral ao cargo de prefeito municipal de Blumenau, reflete-se no noticiário local, publicando "A Nação" o discurso do ex-secretário, ao passar o cargo ao seu sucessor, Dr. Laertes Ramos Vieira, que é um retrospecto das suas atividades à testa daquela secretaria de Estado, de 1956-1960.

2 — Elementos sindicais da nossa cidade e amigos do dr. Gentil Teles, por motivo de sua recente designação e posse na Delegacia Regional do IAPI, em Florianópolis, ofereceram-lhe uma churrascada na sede do G. E. Olímpico, comparecendo ao ágape autoridades civis e militares e outras pessoas de representação social.

— No "Edifício Bekhauser", em construção à rua Sete de Setembro, realiza-se a inauguração da "Casa das Gaitas" e "Palácio das Músicas", no seu andar térreo, já concluído, comparecendo à solenidade o sr. prefeito Municipal e outras autoridades e figuras de projeção na sociedade local. Foram oferecidos coquetel e animado "show" com números musicais a cargo do professor Rúdi Beckhauser.

— Celebra-se, na igreja matriz de Blumenau, presidida pelo sr. Bispo Diocesano D. Gregório Warmeling, a ordenação sacerdotal de dois jovens diáconos catarinenses: Irineu Lueckmann e Jacó Anderle, que concluíram o curso de seminário menor em Ribeirão Grande, município de Taíó e em Azambuja, município de Brusque. O ato revestiu-se de grande brilho, prestigiada a solene cerimônia litúrgica por enorme afluência de fiéis.

3 — O P.R.P. realiza a sua convenção para a escolha de seus candidatos à Prefeitura Municipal de Blumenau e ao governo do Estado, tendo sido lançada a candidatura do sr. Érico Mueller a prefeito municipal e do sr. Jade

Magalhães como companheiro de chapa do sr. Celso Ramos. Posteriormente, foi estabelecido um acordo pelo PSD e partidos coligados, apoiando a candidatura do sr. Érico Mueller a prefeito de Blumenau e a chapa do sr. Celso Ramos para governador do Estado, que terá como companheiro de chapa o sr. Doutel de Andrade.

— Em comemoração ao “Dia do Bombeiro” fazem os homens do Fogo magnífica demonstração na rua Sete de Setembro, num incêndio simulado, em barraca de madeira, adrede levantada, participando das provas as guarnições de Blumenau e Florianópolis, manobrando com todos os apetrechos profissionais, destacando-se uma escada “Magirus”.

4 — A entrega dos prêmios da campanha “Seu talão Vale um Milhão” realiza-se na sala das sessões da Câmara Municipal, sendo filmada a solenidade pelo Serviço de Divulgação da Secretaria da Fazenda. Além do sr. Prefeito Municipal e representante do 23.º R. I. compareceu o dr. Sérgio Uchôa, presidente daquela campanha e outros altos funcionários da Secretaria da Fazenda, bem como o sr. Hercílio Deeke, ex-titular da pasta, sob cuja gestão foi instituído o movimento. Os portadores dos talões premiados foram: O menor Irineu Buerger Cr\$ 100.000,00 e Ethel Pfuetzenreuter, Rolf Mário Kleine, João Sant’Ana, Gentil Guinani, José L. Machado e Nelson Hahnemann, com 5.000,00 cada.

6 a 10 — O V Congresso Estadual de Estudantes Secundários realiza-se na nossa cidade, tendo por local o Grêmio Olímpico. Iniciado com a apresentação de credenciais na sede da UBE., tendo uma delegação feito visita de cortezia ao sr. Prefeito Municipal. Após um coquetel que reuniu os congressistas e autoridades locais, na primeira noite, segue-se a conferência do padre Francisco de Sales Bianchini. Nos dias seguintes são debatidos os pontos de interessante temário.

8 — A Campanha de Solidariedade Humana, presidida, em nossa cidade, pela exma. sra. Dr. Luís de Freitas Melro e que a

17 deste mês completa um ano de atividades, efetua na sua reunião mensal, uma distribuição de agasalhos e mantimentos para os necessitados. Na mesma ocasião, torna-se público que o sr. Hercílio Deeke, encaminhara medicamentos no valor de Cr\$ 100.000,00 àquela entidade, reivindicados do Ministério da Saúde por aquele homem público. A 24 a sociedade reafas e diversões, como serviço de bazar, com venda de bordados, rifas e diversões, como serviço de café, tendo dado, ainda a iniciativa para a “Campanha do Papel”, angariado e vendido em benefício da projetada construção do “Abrigo aos menores desvalidos”.

10 — Transcorre o jubileu de ouro de ordenação do padre Luís Kampmann, pároco da capela do Hospital Santa Isabel, em cujo louvor é resada a missa das 9 horas, na igreja matriz. Natural da Westfália, na Alemanha, o jubilar encontra-se há trinta anos no Brasil, tendo servido, até então, na Améérica do Norte.

14 — A Empresa Fôrça e Luz promove outra excursão às suas usinas “Cedro” e “Palmeiras”, esta última em fase de construção, com participação de prefeitos e outras autoridades, representante das classes produtoras do Vale do Itajaí. Interesse geral despertou a usina em construção, com a Casa da Fôrça, na estrada Timbó-Arroeira, que gerará 16.800 KW., ou sejam: 24.000 CV., tendo a tubulação, que conduzirá as águas do Salto Palmeiras chegado à boca do túnel perfurado na rocha viva em uma extensão de 846 metros com a circunferência de 5 mc. A caravana subiu a serra por excelente estrada construída pela empresa, visitando a barragem de captação com 10 metros de altura e capacidade de cumulação de 150.000 mc. e a barragem de acumulação com 19 metros de altura e capacidade para 32 milhões de metros quadrados. O túnel, com início ao lado da barragem de captação, e que permitirá a vasão de 7,5 mc. de água por segundo, foi percorrido de vagonete por alguns dos visitantes que apreciaram a magnífica vista no seu ponto final. 16-24 — Realiza-se, em nossa cidade, o X Cempionato

Nacional de Tênis, reunindo os quadros infantil, juvenil e juvenlidade, com a participação de representações do Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas, Guanabara, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, conquistando São Paulo o título de campeão do certame, fazendo jus ao troféu "Cidade de Blumenau", oferecido pela fábrica "Cristais Hering".

18 — Ocorre o falecimento da benquista senhora Viúva Hilda de Souza Schneider, vastamente relacionada na sociedade local.

19 — Falece dona Maria Ramos, encarregada dos serviços de limpeza da Prefeitura Municipal e do preparo do "Cafézinho", no qual era perita, servido nas repartições ali instaladas. Dona Maria, de côr preta, solteira, tornou-se conhecida e respeitada pela honestidade de suas atitudes e o zêlo com que vinha mantendo a mãe, que, segundo consta, faleceu centenária no ano passado, tendo a extinta assumido, também a responsabilidade por quatro sobrinhos orfãos de mãe.

— Durante o mês ocorrem vários acidentes de trânsito morrendo um ciclista numa colisão de veí-

culos em Vila Nova, o jovem Arno Boos e outro ciclista Mário Ezequiel Zunino num acidente no bairro do Garcia.

Na estrada Blumenau - Itajaí um colono é atropelado e morto no município de Gaspar não tendo o motorista oferecido assistência à vítima nem se apresentado à polícia, ignorando-se a identidade do mesmo.

Na Câmara Municipal, requer o vereador do PTB, sr. José Ferreira, pensão da Prefeitura para Lilly Zwetsch, jovem sem braços que se tornou eleitora, preenchendo os fichários e demais documentos segurando a caneta entre os dedos dos pés.

As chuvas que começaram a cair sábado, dia 29, resolvem o fornecimento de energia elétrica, sujeito, de longa data, a rigoroso plano de racionamento, constituindo-se em sério prejuízo econômico para a zona, tendo sido previsto já para a semana vindoura, restrição ainda mais substancial, ameaça agora afastada, pelas copiosas chuvas que caíram em tôdo o Vale do Itajaí, preservando, ainda, a lavoura de piores consequências, pois já vinha se ressentindo seriamente da prolongada estiagem.

★ GRAU 10

"O que é bom já nasce feito", diz a sabedoria popular, num brocardo que vem atravessando os séculos, de uma para outra geração. Sempre novo, sempre verdadeiro.

Quer se trate de ferreiro, seja de catedrático de alguma faculdade; quer do que trabalha na mais humilde das profissões até ao mais exigente mestre em ciências complicadas, todos trazem, do berço, a habilidade com que se distinguem nos empregos e nas artes.

O poeta não escapa à regra. Há muita gente que faz verso. E muito mais gente ainda que faz versos modernos, em que não há necessidade, nem de inspiração, nem de metro, nem de rima e, muitas vêzes, nem de gramática.

Mas, poetas mesmo, de verdade, há poucos. Raros e, geralmente, vivem por aí, esquecidos e modestos. São os tangarás artistas, de que nos fala Crispim Mira, arredios, singelos, obscuros, mas magníficos na sua arte. E o mundo, infelizmente, é dos pardais. Prosas, fanfarrões, chôchos e metidiços.

Essas considerações, acudiram-nos no momento em que o nosso amigo, Jayme Vieira, jornalista dos mais primorosos de Itajaí, atendeu a um pedido que lhe havíamos feito.

Jayme Vieira é poeta no verdadeiro sentido. Espontâneos e inspirados, os versos escorrem-lhe da pena com naturalidade e segurança. Dedicou-se mais à sátira, em cujo campo tem produzido verdadeiras obras primas.

Costumamos receber, regularmente, em permuta, um jornal de Itajaí, "O Popular", a que aquêlê intelectual empresta o brilho da sua colaboração. Não tendo aparecido, últimamente, o citado periódico, que sempre lemos com muito interêsse, indagamos de Jayme Vieira a causa da interrupção.

Eis como o distinto mestre deu resposta à nossa consulta, sob o pseudônimo de Zé Fumaça, com que assina as suas assíduas e brilhantes produções para aquêlê semanário:

"Ferreira, meu douto amigo,
Seu cartão está comigo
E a resposta aqui a tem:
O jornal está parado
Porque o papel comprado
Já está pago e... não vem.

A culpa, pois, não é nossa,
E tão logo a gente possa
O jornal circulará...
Fica, assim esclarecido:
Você não foi esquecido,
Não foi e nunca o será...

E daqui da redação
Onde trabalho de graça
Tome um abraço e o coração
Do amigo

Zé Fumaça".

Grau 10 pela resposta, Jayme Vieira, e perdõe a indiscrição...

"Blumenau em Cadernos"

MENSARIO DEDICADO A HISTÓRIA E AOS INTERESSES
DO VALE DO ITAJAÍ

Assinatura (12 números) Cr\$ 120,00

Número avulso Cr\$ 15,00

Administração e responsabilidade de LUIZ FERREIRA DA SILVA.

Tôda correspondência deverá ser dirigida a

Caixa Postal, 425

BLUMENAU — S. CATARINA

TRINKSPRÜCHE

Um dos nossos amáveis leitores, que apreciou o artigo sôbre as “Cervejarias de Blumenau”, publicado em um dos últimos números dos “Cadernos”, mandou-nos uma série de sentenças, das que se costumam gravar nos canecos de cerveja, ou nos cântaros em que se serve a bebida, em grande voga na Alemanha e, também, em Blumenau, especialmente nos tempos da colônia e dos primeiros decênios do município. E o fêz acompanhada de tão interessantes informes, que não nos pudemos furtar ao desejo de trazê-las para estas páginas, certos de estarmos prestando um bom serviço aos interessados no estudo do nosso folclore.

Agradeceríamos se, tanto o missivista, que deseja permanecer incógnito, como outros dos nossos leitores, nos mandassem mais material dêste gênero, pois, isso representa uma valiosa contribuição ao melhor conhecimento dos usos e costumes que os nossos antepassados trouxeram do velho mundo e que, aqui, encontraram campo fácil à sua adaptação e, até, ao seu desenvolvimento em novas e curiosas modalidades.

Eis os “Trinksprüche” que nos foram enviados: O primeiro é em dialeto bávaro:

**“Saufst — stirbs
Saufst net — Stirbst a
Also — sauf ma!**

“Bebendo-se, morre-se.
Não bebendo, morre-se também.
Pois então, bebamos!”

**“Je schoener das Weib
Je besser die Kneip”**

“O bar é tanto melhor,
Quanto mais bela a dona fôr”

**“Froh beim Bier
Das lieben wir.
Zum Wohl!”**

“Alegria e cerveja
E’ o que se almeja.
Viva!”

**“Kein tropfen im
Becher mehr
Und der Beutel
Schlaff und leer!**

“No caneco
Nenhuma gota mais tem.
E na carteira
Nenhum vintém”

**Alter Wein und junge Weiber
Sind die besten Zeitvertreiber.**

“Vinho velho e mulher moça
São o melhor passatempo...”

**“Wer nicht liebt Wein,
Weib und Gesang
Bleibt ein Tor
Sein Leben lang”**

“Quem não aprecia
Vinho, mulher e canto
Ficará, por toda a vida
Um pateta e tanto!”

Há os canecões decorativos, das estantes dos bares, encomendados especialmente, lembrando efemérides das respectivas famílias ou localidades, etc.

Outros contam acontecimentos, o que é uma particularidade germânica, fixando-os em versos de canto, etc.

Nos bares das casas particulares de Blumenau, existem diversos canecos desse gênero. Um deles, apresenta um desenho colorido, em três fases: na primeira, um camponês, passeando alegre, numa carrocinha; na segunda, o carro virado e o camponês caindo; na terceira, o camponês morto, ao lado da carroça virada. Em baixo os dizeres:

**“Der Weg zum Ewigkeit,
Ist garnicht weit.
Um sieben fuhr er fort
Um acht war er schon dort”**

“O caminho para a eternidade,
Nem é tão prolongado!
Ele saiu às sete,
Às oito já tinha chegado!”

O outro, verdadeiro “pocal” de porcelana, leva, na borda, em letra bem miudinha, uma canção antiga da cavalaria alemã. Os desenhos representam “hussares”, nas suas fardas decorativas, montados em fogosos corcéis. Em baixo, os dizeres:

**“Wo Husaren attackieren
Muss der stärkste Feind verlieren”**

“Onde atacam os hussares
Inimigo mais forte é presa de azares”.

O máximo, gerado pela tendência de reproduzir acontecimentos em desenhos e versos (que encontrou interpretação magistral na pena satírica do famoso humorista alemão Wilhelm Busch) aconteceu, há mais de 30 anos, numa pequena cidade do interior catarinense (São Bento do Sul).

Comemorando efeméride jubilar a comunidade evangélica, pediu-se a esta a restauração dos túmulos velhos.

Consistindo os seus monumentos, mórmente, em marcos de tijolos, com rebôco e com as inscrições (nome e datas de nascimento e morte

dos respectivos defuntos) nelas gravadas, o “pintor” da renovação da caiação e letreiros, acrescentou-lhes desenhos da “causa mortis”. Assim, havia um túmulo onde dizia: **“Er starb an einem Schlangenbiss”** (“Ele morreu de uma mordida de cobra”), com a devida ilustração do caso. Em outra sepultura, via-se a cena de um assassinato, o criminoso enterrando a faca no peito da vítima. Dizia o letreiro: **“Er starb von Mörderhand”** (“foi morto por mão assassina”). Em outra, onde, pelas datas, se constatava que o cidadão morrera aos quarenta anos, êste ficava, no desenho, estendido, têsso, debaixo da roda de uma carroça. Um verso explicava a situação: **“Kaum hatte er das Licht der Welt erblickt, als ihn ein Wagenrad auch schon erdrückt”** (A luz do mundo mal havia sido dado, já pela roda de um carro foi esmagado”).

Os dirigentes da comunidade, estranhando a romaria divertida de veranistas à parte antiga do cemitério, descobriram a causa do gáudio e mandaram apagar os dizeres e desenhos tão bem intencionados que, entretanto, resultaram em sacrilégio. (Estavam, além do mais, ortograficamente errados).



A atual cidade de Pommeroda, que tantas possibilidades de um risonho futuro oferece, só em 1895 teve, pela lei n.º 170, de 30 de setembro, o seu território desapropriado e dividido em lotes urbanos e ruas.

COISAS DA REVOLUÇÃO FEDERALISTA

Pouca gente sabe que, em começos de 1894, quando a então vila de Blumenau estava, pela segunda vez, ocupada pelas forças dos maragatos, vindas do Rio Grande do Sul, o sr. Carlos Renaux, fundador das grandes indústrias que honram Santa Catarina e que era o chefe **pica-pau** de Brusque, foi prêso e submetido a um conselho de guerra. E nêsse conselho foi condenado à pena capital, por fuzilamento.

E já estava tudo preparado para a imediata execução da sentença, a que os chefes militares queriam, a todo custo proceder, sem mais delongas, quando interveio o chefe maragato de Blumenau, que era o deputado Elesbão Pinto da Luz. Êste político ardoroso, cunhado de Hercílio Luz e seu inimigo figadal, tivera marcada atuação na vida municipal de Blumenau, nos fins do século passado. Fôra escrivão e tabelião e delegado de polícia. Adepto fervoroso do Tenente Machado, governador do Estado, acompanhara-o na rebelião contra Floriano, tornando-se a figura central dos federalistas em Blumenau. Elesbão, entretanto, apesar do seu prestígio junto aos chefes das tropas ocupantes, teve um trabalho enorme para convencê-los a não executar o negociante brusquense. Implorou, suplicou e, num gesto trágico, chegou a afirmar que, se a sentença fôsse cumprida, êle também se mataria.

Só assim, o futuro cônsul Carlos Renaux escapou ao fuzilamento e tratou logo de pôr-se em lugar seguro.

O interessante é que Elesbão, que salvara o adversário de morte certa, poucos meses depois, teve a triste sorte que êle poupava a Renaux. Prêso, depois da derrota dos revoltosos, pelos homens de Moreira Cesar, que fôra nomeado interventor no Estado, Elesbão Pinto da Luz foi conduzido à fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, onde foi sumariamente fuzilado, sem processo algum, juntamente com outros catarinenses ilustres vítimas de um militar paranóico e descontrolado.

Tivesse Elesbão previsto o trágico e injusto fim que o esperava, e certamente não teria sido o único dos políticos blumenauenses a ser sacrificado pelos fuziladores de Anhatomirim. Muitos outros estiveram com a vida nas suas mãos e, no entanto, êle soubera compreender a situação e interferira para que não se consumasse a injustiça.

Bem verdade é que também os chefes legalistas de Blumenau evitaram o fuzilamento de muitos outros maragatos, como Engelke, Faust, e outros que foram presos após a vitória do marechal, mas que não foram mandados para Destêrro, como Moreira Cesar, por várias vêzes recomendara, escapando, assim, ao fuzilamento certo.

Misérias da guerra civil que tantas desgraças e tanto luto trouxe para o Brasil nos fins do século 19!

EM 5 de fevereiro de 1908, o dr. Victor Konder, recém-formado, foi nomeado para auxiliar do dr. Gustavo Lebon Regis, delegado de Santa Catarina à Exposição Nacional do Rio de Janeiro, comemorativa do centenário da abertura dos portos brasileiros ao comércio das nações amigas, com o ordenado mensal de 200\$000, ou 200 cruzeiros, na moeda atual. Não tendo aceitado a nomeação, foi êle substituído, em maio do mesmo ano, por seu irmão Adolfo .

**SOCIEDADE BENEFICIADORA
DE MADEIRAS LTDA.**

**Compra e Venda de Madeiras
Para Todos os Fins**

MADEIRAS PARA CONSTRUÇÕES

Telefone, 1248

Rua 7 de Setembro

BLUMENAU

—

Santa Catarina



ELETRO - AÇO ALTONA S/A.

Rua Coronel Vidal Ramõs, 925 — Fone : 1338

Caixa Postal, 30 Telegramas : ELAÇO

ITOUPAVA-SÊCA — BLUMENAU

SANTA CATARINA



FUNDIÇÃO DE AÇO

LAMINAÇÃO

FÁBRICA DE MÁQUINAS

FÁBRICA DE FERRAMENTAS

FORJARIA

FUNDIÇÃO ELÉTRICA

